

## **A constituição da identidade do coordenador pedagógico e as possibilidades de constituir-se formador de professores em tempos de mudanças da escola**

**Aline Barros Girão** - Universidade Federal do Piauí (UFPI)

**Cristiane de Sousa Moura Teixeira** – Universidade Federal do Piauí (UFPI)

**RESUMO:** A pesquisa realizada entre os anos de 2022 e 2023, tem como objetivo geral explicar o processo de constituição da identidade profissional do coordenador pedagógico que atua na rede pública municipal da cidade de Beneditinos (PI) e suas possibilidades de constituir-se formadores de professores, em tempos de mudanças na escola. A fundamentação teórico-metodológica teve como base a concepção psicossocial de Identidade desenvolvida por Ciampa (2005), a qual fundamenta-se no Materialismo Histórico-Dialético. Para explicar o processo de constituição da identidade realizou-se, além de estudos teóricos, a pesquisa empírica, na qual produziu-se dados através de narrativas (NÓVOA, 1995) e na abordagem (auto)biográfica. Fez-se o uso do Quadro de Escuta (PASSEGI, 2008) e das rodas de conversa (WARSCHAUER, 1993). Os dados foram analisados e interpretados através do procedimento Análise Textual Discursiva (MORAES, 2003). Evidenciamos que múltiplos são os fatores que constituem a identidade do coordenador pedagógico, entre os quais destacaram-se: o processo formativo vivenciado, as condições em que suas ações ocorrem, o próprio processo histórico de vida pessoal e profissional, assim como o movimento histórico social em que a atuação do coordenador se desenvolve, demonstrando assim que uma de suas ações principais, a de formadores de professores, não são reconhecidas pelos participantes da pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coordenador Pedagógico. Identidade. Narrativas.

### **1 INTRODUÇÃO**

Esse artigo consiste em uma discussão feita a partir de resultados da pesquisa no Curso de Mestrado em Educação, no qual se objetiva explicar o processo de constituição da Identidade profissional de coordenadores pedagógicos e as possibilidades deste profissional reconhecer-se formador de professores. Para atender ao objetivo, propomo-nos desenvolver procedimento metodológico que nos colocasse em diálogo com os coordenadores pedagógicos e, pudesse, ao mesmo tempo, provocar reflexão acerca das ações que realizam na escola e, assim criar possibilidades de provocar a necessidade de orientar a sua atuação para a formação de professores no âmbito da escola.

Fizemos a opção pelo procedimento metodológico das narrativas (auto)biográficas, por entendermos que esse procedimento articula a narrativa, a constituição do sujeito que narra, e a realidade histórica social presente na história daquele que narra sobre si e sobre o

social ao mesmo tempo. (Fernandes, Araújo e Teixeira 2011, p.100) nos explica que “[...] é a partir do ato de narrar sobre si, sobre sua trajetória educacional, sua história de vida, que o sujeito reflete sobre os aspectos subjetivos que o constituem, como, por exemplo, sua identidade”.

A realização desse estudo nos colocou diante de uma profusão de pesquisas acerca da identidade profissional, considerando os mais diferentes profissionais sejam da área da educação ou de outras áreas e nas diferentes abordagens teórico-metodológicas. Na área da educação, destacamos, as pesquisas desenvolvidas por Teixeira e Carvalho (2008,2009 e 2015), Teixeira Teixeira (2014), pois eles têm evidenciado que o processo de constituição da identidade é mediado por múltiplas determinações, tais como: a formação profissional, o processo biográfico do indivíduo, a atividade profissional, as relações interpessoais, os sentimentos, aspirações, bem como, a consciência acerca da profissão que realiza, entre outros aspectos.

Mas, a realização do estudo, também, nos colocou diante da necessidade de refletirmos acerca de que lugar teórico estamos discutindo a identidade do coordenador pedagógico. Assumimos, então, os pressupostos alinhados à perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético, por entendermos que essa filosofia oferece as condições teóricas necessárias para explicarmos a realidade que investigamos, além de estar comprometida com processos de transformação dos homens e da realidade.

Definimos os seguintes pressupostos para direcionar nossa reflexão acerca da identidade dos coordenadores pedagógicos: Identidade é processo multideterminado de (re)constituição do eu; é uma categoria teórica de análise do impacto da realidade na vida subjetiva do indivíduo; e, por fim, a identidade somente se torna uma questão ou objeto de investigação quando ela se encontra em crise. Ou seja, quando algo que supomos que seja fixo, permanente, imutável é questionado, é colocado em dúvida.

Considerando que a identidade consiste em processo multideterminado de constituição do eu, esclarecemos que compreendemos os coordenadores pedagógicos como sujeitos histórico, social e culturais e, portanto, síntese de múltiplas determinações. Nesse sentido, não se desloca da realidade, que aqui é compreendida como totalidade concreta, isto é, um todo estruturado em processo de desenvolvimento (Kokis,1976).

Como categoria teórica, a identidade tem valor heurístico em razão de que ela, como constructo intelectual, explica determinada zona do real. Isso significa dizer que por meio da categoria Identidade explicamos como as transformações que ocorrem na vida social reverberam na constituição do sujeito como alguém que é, ao mesmo tempo, singular e universal. Ou seja, um indivíduo único no mundo, mas que carrega em si a materialidade do social.

E, por que entendemos que a identidade dos coordenadores pedagógicos é uma questão ou um objeto de investigação que precisa ser pesquisado e explicado? Porque este profissional e a sua atividade tem sido associada à ideia de controle e supervisão da atividade docente como algo permanente, inerente ao ser coordenador pedagógico. No entanto, essa forma de compreensão tem processualidade histórico-social e, em razão disso, a atividade, assim como a sua identidade tem passado por mudanças.

Sobre isso, Teixeira (2008) explica que, ao longo da história da coordenação pedagógica, a identidade desse profissional foi se desenvolvendo e, passou de supervisor escolar à coordenador pedagógico mediado pelas mudanças histórico-sociais. Concomitante a isso, o significado social da profissão também se desenvolveu, é o que revela Teixeira (2015), ao explicar a gênese e o desenvolvimento do significado de que o coordenador pedagógico é formador de professores no âmbito da escola e ao mesmo tempo, preserva na sua atuação elementos relativos à fiscalização e controle da atividade docente.

Feitos estes esclarecimentos, e ponderando que nosso procedimento metodológico é a narrativa (auto)biográfica, nosso objetivo, neste artigo, é o de explicar como se constitui a identidade profissional do coordenador pedagógico. Para tanto, organizamos nossas ideias da seguinte forma: na primeira subseção apresentamos a concepção psicossocial de Identidade desenvolvida por Ciampa (2005) e que está fundamentada no Materialismo Histórico-Dialético; na segunda subseção, descrevemos os procedimentos metodológicos que foram desenvolvidos na pesquisa empírica para produzir e analisar os dados; na terceira subseção, apresentamos a análise dos dados, evidenciando as narrativas dos coordenadores pedagógicos; e, por fim, sintetizamos a discussão, ressaltando como os coordenadores pedagógicos da Rede Municipal de Ensino, compreender o ser coordenador pedagógico e suas contribuições para os processos de mudanças na escola.

## 2- CONCEPÇÃO PSICOSSOCIAL DE IDENTIDADE:

Ao conhecermos a concepção psicossocial de Identidade desenvolvida por Ciampa (2005), pudemos entender que o processo de constituição da identidade não pode ser analisado tomando como base apenas um ou outro aspecto desse fenômeno, mas sim devemos analisar considerando a totalidade concreta que constitui o objeto. Isso significa que a análise inclui o contexto histórico-social, o político-institucional em que as políticas educacionais são elaboradas e implementadas, as condições sociais do indivíduo, a formação inicial e contínua, as experiências de vida, as relações interpessoais constituídas dentro e fora da escola, o seu percurso biográfico, os sentimentos e aspirações, bem como o trabalho que o indivíduo realiza.

Todos esses aspectos citados acima não devem ser compreendidos isolados dos demais, tão pouco devem ser compreendidos como partes que quando somadas constituem um todo. Chamamos de totalidade concreta a síntese da articulação dialética entre os múltiplos aspectos que constitui uma determinada realidade em determinado contexto histórico-social. Isso pode ser mais bem compreendido se tomarmos as palavras de Kosik (1976):

[...] O concreto, a totalidade, não são, por conseguinte, todos os fatos, o conjunto de fatos, o agrupamento de todos os aspectos, coisas e relações, visto que tal agrupamento falta ainda o essencial: a totalidade e a concreticidade. Sem a compreensão de que a realidade é totalidade concreta – que se transforma em estrutura significativa para cada fato ou conjunto de fatos – o conhecimento da realidade concreta não passa de mística, ou a coisa incognoscível em si. ( Kosik, 1976, p. 226)

A concepção de identidade desenvolvida por Ciampa (2005) é sintetizada no sintagma: Identidade-metamorfose-emancipação. O que isso significa? Significa que para Ciampa (2005), identidade é movimento, é processo de transformação que tende à emancipação. Com isso, o autor rompe com a concepção de que identidade é algo estático, imutável ou que a identidade se refere a um conjunto de informações sobre o indivíduo e quanto mais informações se tem, mas se aproxima do conhecimento acerca da identidade desse indivíduo. Na verdade, para se compreender a identidade, seja pessoal ou profissional, é preciso desvelar o movimento dialético que a constitui.

A compreensão do movimento dialético que constitui a identidade envolve considerá-la como processo social. Ou seja, a identidade não é um processo natural tão pouco

dissociado da sociedade e das determinações políticas e institucionais. Logo a compreensão de identidade como questão social envolve uma determinada concepção de ser humano. Para Ciampa (2005) e, para nós, o humano é um ser concreto, histórico e singular, que se constitui na relação dialética com a realidade.

Sobre a relação homem e realidade, Teixeira (2020) fundamentada em (Kosik, 1976, p. 227-228) afirma que "[...] o mundo está aqui enquanto o homem existe". Isto significa que essa relação é dialética, uma vez que ambos se produzem mutuamente por meio da atividade intencional do ser humano. Kosik (1976) ainda nos explica que o “mundo sem o homem não é uma autêntica realidade, é apenas das construções da subjetividade humana, um dos muitos modos pelos quais o homem se apropria (e reproduz espiritualmente) do mundo.

A explicação acerca da concepção de ser humano e da sua relação com a realidade é importante para entendermos que a constituição da Identidade se efetiva na atividade social. Isso significa que nos tornamos quem nós somos pela atividade, especificamente, humana. É, portanto, nesse processo dialético que o mundo se torna humanizado e, o ser humano se torna social.

Mas, o aspecto social da identidade ainda pode ser explicado considerando que mantemos relações interpessoais com outros desde o nosso nascimento e, é por meio dessas relações que nos apropriamos do mundo, ou seja, conhecemos e desenvolvemos uma compreensão acerca da realidade histórico-social. São os outros seres humanos, com os quais convivemos, que nos ensinam as regras, as normas instituídas socialmente, as diferentes formas de convivência social, os diferentes papéis sociais que assumimos para cada atividade que realizamos. É nesse sentido que Codo (1994, p. 139), ao tratar das relações de trabalho, afirma que “[...] cada gesto, cada palavra, cada fantasia, traz a marca indelével, indiscutível de sua classe social, do lugar que o indivíduo ocupa na produção”.

Vale destacar que a realidade social não é um todo harmônico, mas um todo estruturado, no qual as contradições o constituem. Isso pode ser compreendido quando Ciampa (2005) argumenta que o processo de constituição da identidade envolve a síntese da articulação entre a igualdade e a diferença. Tal síntese pressupõe que, ao mesmo tempo, a identidade é algo pessoal, mas que foi desenvolvida mediante a relação com os outros, logo, a identidade pressupõe tanto o sentimento de pertencimento naquilo que é idêntico, quanto, pressupõe reconhecer-se, a partir do outro, como diferente, único e, portanto, singular.

A discussão em torno da dimensão social revela que é na luta dos contrários, como por exemplo, a luta entre igualdade e diferença, que a identidade se desenvolve. Portanto, é movimento, é um processo de constante devir. Mas, que nem sempre se revela como movimento e, sim, como não-movimento, sobretudo, quando o aspecto representacional predomina na explicação da identidade. Isto é, quando substantivamos ou adjetivamos o ser. Por exemplo: Ao nos apresentar, afirmamos: “sou coordenadora pedagógica”, essa substantivação nos orienta a entender a identidade como algo permanente, fixo, imutável, quando, na verdade, ela é movimento, processualidade histórica.

A pressuposição e a reposição estão relacionadas aos papéis sociais que assumimos em cada atividade que realizamos. O papel social é uma atividade padronizada previamente. Se somos mães/pais, homens/mulheres, professor/professoras, coordenador/coordenadora um determinado papel social está pressuposto socialmente e, que a sociedade espera que reconheçamos esse papel como nosso e passamos a repô-lo, ou seja reproduzir o que está determinado. A reposição é a reafirmação, por meio das atitudes, comportamentos, dos modos de ser (pensar, sentir e agir) daquilo que corresponde às expectativas do grupo social. É quando nos apropriamos e repomos esse modo ser, pertinente ao papel social que internalizamos as normas, as condutas, as formas de se relacionar que já estão determinados pela sociedade. Sobre isso, Teixeira (2009) assim, explica com base em Ciampa (2005):

A pressuposição e a re-posição revelam, então, a dinamicidade da identidade, ao passo que também oculta o seu movimento, a sua metamorfose, revelando-se como estática, como não-metamorfose. Isto acontece porque, muitas vezes, pequenas mudanças passam desapercibidamente pelos olhos dos outros e neste caso, seria preciso várias pequenas mudanças para que uma mudança mais visível pudesse ser percebida. Assim, é comum nos referir a isso como mudança repentina, no entanto, ela se encontrava em constante processo, pois, mesmo sendo a mesma pessoa a desempenhar o mesmo papel, é necessário compreendermos que a cada dia novos acontecimentos ocorrem e são significados e acrescidos em nossa vida, tornando-nos todo dia outro ser, mas que sou eu mesmo. Afinal, nada existe de forma eterna, fixa e absoluta. (Teixeira,2009, p.36 )

Ciampa (2005) ainda explica, que o resultado do processo de metamorfose espera-se que seja a emancipação, pois esta é uma tendência, ou seja é uma direção, uma possibilidade. Para que a emancipação se efetive é necessário que o indivíduo se autodetermine, isto é, supere as determinações exteriores e interiores que o impede de ser o outro que está contido nele como possibilidade. Pois, “[...] o devir do ser do homem é também devir consciência.” (Ciampa, 2005, p.194).

Feito a explicação acerca da concepção de Identidade que orienta nossa investigação e a discussão que nos propomos efetivar nesse artigo, seguimos com a explicação acerca dos procedimentos metodológicos que foram desenvolvidos na pesquisa empírica.

### **3- PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA**

Ao almejarmos compreender a identidade do coordenador pedagógico pensamos em escolhas metodológicas que pudessem contribuir para a quebra dos estereótipos que se formaram pela origem dessa profissão. Nesse sentido, buscamos, nessa pesquisa, ancorar-nos numa perspectiva teórico-metodológica que almeja não apenas explicar a realidade, mas uma perspectiva que também cria possibilidades de refletir para transformá-la. Em razão da concepção Psicossocial de Identidade (Ciampa,2005) está fundamentada no Materialismo Histórico-Dialético, buscamos fazer uso de alguns pressupostos desse método. Entre estes, destacamos: a concepção de ser humano e de realidade. Para essa perspectiva, o indivíduo é um ser histórico-social, e que se constitui como tal, por meio da relação dialética com a realidade, mediada pela atividade, especificamente, humana, o trabalho.

As ideias marxistas explicam que o indivíduo não pode ser pensado isolado das condições reais em que vive, ou seja, a constituição do indivíduo, assim como de sua identidade, é mediada pelas relações sociais pela cultura, pela educação, pela política e, por todos os aspectos que compõe a realidade histórico-social. Diante dessa forma de compreender a humanidade, vale destacar que, segundo Marx e Engels (2007), é o trabalho que constitui o ser humano como tal. Essa assertiva foi fundamental para Ciampa (2005) desenvolver a compreensão de que a identidade se constitui pela atividade humana.

Assim, esclarecemos que compreendemos o ser humano como o ser que se constitui tendo como referência a sua herança cultural e o que se vislumbra no horizonte como expressão de uma determinada sociabilidade de um ser social. Para (Ciampa, 2005, p.200), “o homem é um horizonte de possibilidade”. Para captar esse movimento que ao mesmo tempo inclui o passado, o presente e o por vir, é necessário um procedimento metodológico capaz de apreender o movimento de constituição da identidade. Entendemos que esse procedimento são as narrativas (auto)biográficas ancoradas na abordagem que tem o mesmo nome.

### **3.1 As narrativas (auto)biográficas como procedimento metodológico para compreensão da identidade profissional**

A abordagem (auto)biográfica nas ciências da educação ainda é recente embora tenha sido empregado, conforme Bueno (2002), nos anos de 1920 a 1930 pelos sociólogos da escola de Chicago como abordagem alternativa à sociologia positivista. Sobre isso, Novoa (1995) explica que, as atuais “[...] abordagens (auto)biográficas são fruto de insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico” (Novoa, 1995, p. 18).

As narrativas, são afetadas, segundo Josso (2009), pela historicidade, pelas mudanças sociais. A análise narrativa insere-se nos campos de investigação educacional com grande força, por possibilitar a compreensão das práticas, motivações e escolhas que são amplamente calcadas na experiência humana, nesta pesquisa, considerou-se relevante a utilização da abordagem (auto)biográfica para a compreensão do problema de pesquisa, pois, ao narrar suas histórias, os partícipes tornam-se sujeito de sua própria história, rememoram seus percursos vividos e assim será possível compreender as experiências dos coordenadores pedagógicos, bem como a produção de conhecimentos, o desenvolvimento das significações acerca de sua prática e o processo de constituição de sua identidade.

### **3.2-Técnicas para produção das narrativas: Roda de conversa e o Quadro de Escuta**

A concepção de roda de conversa usada neste estudo bem como a sua forma de realização tomará como base a perspectiva de Warschauer (2017). Conforme a autora, a roda é uma continuação de encontros como o mesmo grupo de pessoas, voltados para reflexões e na sua partilha de saberes.

A roda de conversa não é uma atividade recente, ela vem sendo empregada em diferentes contextos, seja como um dispositivo para se contar histórias em salas de aula, dinâmicas grupais, como também narrativas de vidas em pesquisas teórico-metodológicas na área de Educação. Nesta pesquisa, a roda de conversa será utilizada como técnica de produção de dados que possibilita dialogar com os pares, compartilhar experiências e conhecimentos. Sua realização requer um planejamento para que os objetivos da pesquisa possam ser atingidos.

Já o Quadro de Escuta, segundo (Cunha; Oliveira; Passegi, 2018) consiste num dispositivo de grande potencial para compreendermos e evidenciarmos possíveis efeitos da narrativa do outro e sobre aquilo que se escuta, pois promove uma reflexão sobre as experiências compartilhadas. O objetivo é o de potencializar o processo reflexivo e interpretativo sobre as experiências vividas nas relações com o meio, o outro e consigo mesmo

Entendemos que estas duas técnicas alinhadas, potencializa a articulação dialética da igualdade e da diferença entre os indivíduos pois, ao se reconhecer diferente do outro é que o indivíduo se singulariza preservando a sua relação com o universal.

#### **4- CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO COORNDENADOR PEDAGÓGICO: o que nos revelam a pesquisa.**

Participaram da pesquisa 4 coordenadoras pedagógicas, aqui denominadas Cecília, Malala, Clarice e Maria Quitéria, codinomes escolhidos pelas participantes. Elas aceitaram participar da pesquisa e muito contribuíram com suas narrativas (auto)biográficas, ao evidenciarem suas experiências e reflexões acerca da coordenação pedagógica. Abaixo detalhamos cada uma das coordenadoras pedagógicas participantes da pesquisa:

Em 2010, ainda durante o curso, me tornei professora substituta do Estado e, em 2013, passei em um concurso público para professora de Espanhol em uma cidade vizinha, onde trabalho até hoje. Em 2016 me tornei professora efetiva de Beneditinos, onde naquele ano fui lotada em várias escolas do município. No ano seguinte, fui convidada a ser coordenadora pedagógica e fiquei muito surpresa e com medo de aceitar, pois nunca tinha pensado em exercer essa função. (Roda de Conversa, Clarice)

Teve um tempo que abriram as inscrições para um concurso público com vaga para professor de Letras/Espanhol e realizei-o, onde fui aprovado para o cargo de Professor SL para a zona rural de Beneditinos (PI) dando aula, situado na Localidade Cedro II. Depois, fui convidado para o cargo de coordenador pedagógico no ano de 2016 e permaneci nele até 2019. (Roda de Conversa, Malala)

Através do reconhecimento do meu desempenho/trabalho em sala de aula, fui convidada em 2010 a substituir uma coordenadora (Ensino fundamental) que entrou de licença maternidade, permaneci na função em 2011. Logo após, em 2012, assumi como diretora adjunta na mesma instituição. Posteriormente, entrei de licença maternidade e retornei em 2013 como Coordenadora pedagógica na Educação Infantil (CMEI LAM), onde estou

até hoje. Cabe frisar que até o período não existia coordenação pedagógica nas escolas de Educação Infantil do município. (Roda de Conversa, Maria Quitéria)

Sou Cecília Meireles, sou formada em Pedagogia e Educação Física e tenho dois anos de coordenação, cheguei à coordenação através de indicação, fiz o teste seletivo, mas não passei, aí me chamaram para assumir essa função. (Roda de Conversa, Cecília)

As narrativas apontam que a chegada à coordenação, revelaram para as coordenadoras pedagógicas que ali nasciam, um sentimento de contentamento por serem percebidas pela administração, porém emergiam também sentimentos de surpresa e até mesmo medo, como cita Clarice em sua fala; de reconhecimento, nas falas de Maria Quitéria, pois ao desenvolver um bom trabalho, a coordenação chegou como uma premiação pelo seu bom desempenho como docente e assim, era considerada apta a coordenar seus pares. Malala, recém-chegada à docência já se deparava em ser “promovida” e aceitou prontamente o convite. Cecília, por suas experiências passadas, é vista como uma boa candidata à coordenação pedagógica e por não passar no teste que fizera, viu como uma forma de contribuir com suas boas práticas docentes, porém, agora na coordenação pedagógica.

A escolha das professoras para assumirem a função de coordenadoras pedagógicas estão vinculadas à imagem ali pressupostas de boas profissionais docentes. Logo, pressupõe-se que para ser uma boa coordenadora pedagógica é preciso ter sido uma boa professora. Essa pressuposição está ligada à ideia de que para ser coordenador pedagógico é necessário ter vivido a experiência da docência, pois para orientar outro docente, deve-se conhecer a atividade desse profissional. Essa pressuposição se evidencia nas expectativas dos outros diante do que podemos realizar ao assumir tal cargo.

A passagem de professoras à coordenadoras pedagógicas as levou a constituírem outro papel social dentro da escola, com outras representações e visibilidade maior. O papel de docente deu espaço ao papel de coordenadora pedagógica. Realizar determinada atividade exige o conhecimento desta, exige determinada formação para atuar na direção de atender às necessidades daqueles para os quais se volta essa profissão. No entanto, o que podemos inferir é que ao chegarem em suas escolas, para assumir a coordenação pedagógica realizaram suas ações por meio do espontaneísmo e foram aprendendo por ensaio e erro.

O olhar para o próprio trabalho, acrescentados ao percurso histórico e vivências pessoais dos coordenadores pedagógicos, constitui sua identidade profissional. A fragilidade

dessa constituição arraigada ao coordenador pela sua gênese histórica reflete sua consolidação dentro da escola. Cabe lembrar que os coordenadores pedagógicos da Rede Municipal de Beditinos, não dispõem de nenhum documento que os orientem e os legitimem, além do fato de que são professores coordenadores, que antes de chegarem à coordenação atuavam como professores da rede, Clarice, Malala e Maria Quitéria ainda são professoras efetivas da rede e Cecília ex- professora contratada e que atualmente atua na coordenação.

Ciampa (2005) explica que a profissão é determinante para constituição da identidade e a identidade profissional se constitui a partir dos significados que o indivíduo produz de si mesmo e da atividade que exerce, assim, essas significações vão determinando o ser, o sentir e o agir do coordenador pedagógico. Isso mostra mais um indicador de que a forma como foi constituída a função de coordenação pedagógica traz até hoje marcas de fragilidade, sendo elas parte de um contraditório dentro da escola, no que diz respeito a constituição profissional da identidade do coordenador pedagógico. Na concepção de Ciampa (2005), o outro também tem um papel relevante no processo de constituição da nossa identidade, Carvalho M.V.C. e Teixeira explicam:

Considerando que desde o nosso nascimento a nossa identidade é permeada pela presença marcante do outro e isso acontece de várias formas, por exemplo: é o outro que possui o domínio da linguagem simbólica e, portanto, possibilita a nossa inserção no mundo cultural e simbólico, ou ainda, o nosso nome ou apelidos são definidos pelos outros, no caso do nosso nome, são os pais que o definem e é à medida que tomamos consciência da existência do outro que conseguimos nos identificar como alguém diferente. (Carvalho M.V.C.; Teixeira, 2009, p. 164)

Portanto, não podemos considerar a identidade como apenas a representação de nosso nome ou como nos chamam, pois sendo assim, a identidade seria estática, seria “um traço estático que define o ser” (Ciampa, 2005, p. 130). Tal constatação revela a necessidade de olhar a totalidade do ser, bem como as contradições que estão presentes em nossas relações sociais ou, ainda, entender que a identidade é a articulação da igualdade e da diferença, pois cada indivíduo possui uma identidade que lhe é subjetiva, porém foi construída mediante as suas relações sociais, uma vez que com base no olhar para o outro, nos reconhecemos como diferentes.

A constituição da identidade do coordenador pedagógico vai se formando junto aos outros papéis que cada coordenadora pedagógica desempenha, com seus efeitos positivos e

negativos, com sua forma de significar sua atividade. É um processo que não está concluído, podemos dizer que é um processo de vir a ser, pois a cada aprendizado, cada sentimento arraigado às suas ações, cada formação recebida por este profissional, cada reflexão feita em suas ações são contributos da sua identidade profissional. Outro aspecto constituinte da identidade do coordenador pedagógico é sua atuação, que corresponde a uma determinada forma de agir. Teixeira (2014) explica sobre o processo de atuação ao explicitar que o modo de agir dos seres humanos se distingue do modo de agir de outros animais, destacando dois aspectos fundamentais:

[...] primeiro, o fato de que o modo específico do ser humano agir foi produzido mediante o trabalho, isso porque o trabalho é sempre orientado para a criação de determinado produto ou resultado, o que exige do homem um determinado modo de agir para atingir determinado objetivo. O segundo aspecto: toda atuação humana, não ocorre de modo isolado, mas a atuação humana está sempre implicada em uma relação com os outros, com a sociedade (Teixeira, 2014, p. 29)

A atuação, entendida como o modo de agir dos coordenadores, também é contributo para o entendimento acerca da identidade profissional, pois o modo de agir permite a discussão sobre o trabalho do coordenador pedagógico de forma específica de como cada um age e interage com o mundo. As narrativas evidenciam a atuação das coordenadoras pedagógicas no contexto da escola pública municipal, sobre a qual relatam:

As atribuições são muitas e de suma importância para a escola, pesa uma responsabilidade onde o público é toda comunidade escolar. Visito as salas de aula, tenho conversas coletivas e individuais com os professores, fico no lugar de um deles quando faltam, porque temos que garantir o calendário escolar, observo o desempenho dos alunos, as dificuldades dos professores, organizo pesquisa de materiais para ajudar na execução de projetos. (Roda de conversa, Cecília)

A narrativa expõe ainda o quanto a estrutura social é desigual, pois a atuação das coordenadoras participantes da pesquisa é determinada pelas condições materiais da escola pública. Isso significa que a situação das escolas públicas desvela uma determinada política que visa atender interesses de uma classe e não são os interesses da classe trabalhadora. Essa realidade limita o processo de humanização destas profissionais que se veem em uma situação de dominação que subjuga os seres humanos, deixando-os à mercê de uma condição desumanizadora.

Falar sobre a identidade profissional do coordenador pedagógico, é também compreender os sentidos que os coordenadores pedagógicos constituem ao longo das suas vivências sociais, é também conhecer a subjetividade desse coordenador pedagógico para entender além daquilo que está expresso em suas falas. Quando Cecília narra que o coordenador pedagógico “é um sofredor , é o faz tudo”, ela menciona suas subjetividades acerca do que para ela é o coordenador, portanto, o sentimento de ser aceita, de contribuir com as ações na escola, faz com que Cecília se desvie de sua ação principal, já que o que deve ser resolvido de forma imediata.

A expressão utilizada por Clarice, “ser o faz tudo”, é explicada por Teixeira (2014), ao revelar que quando os professores deixaram de aceitar o controle fiscalizador dos supervisores de ensino, esse profissional não deu conta de construir novas ações na escola e, para ser aceito, passou a realizar ações, mesmo de cunho administrativo, no espaço escolar. Assim, compreendemos nas falas de Cecília e Clarice, que apesar de saberem suas funções na escola, essas atividades ainda são mediadas pelo contexto histórico-cultural, que ainda está muito arraigado à história do supervisor escolar (Carvalho, M.V.C.; Teixeira, 2015).

Contudo, evidenciamos que essa função ainda se mistura a outras funções e demandas, de tal modo que parece não ter um papel bem definido dentro da escola, chegando a ser para alguns uma função exaustiva, como evidenciamos na fala de Maria Quitéria “ tem horas que dá vontade de desistir de tudo”. Um exemplo claro que as condições objetivas que vivenciam as coordenadoras pedagógicas, mesmo com toda vontade de transformar e contribuir para a educação municipal, as levam a não atuarem enquanto formadora de professores na escola, as “obrigando” a fazerem outras ações distorcidas da sua real função.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Aprender com seus pares, dialogar sobre a realidade, necessidade e possibilidades dos coordenadores pedagógicos da Rede Municipal de Beneditinos foram os pontos de partida para que pudéssemos compreender o processo de constituição da identidade dos coordenadores pedagógicos, visto que para que as coordenadoras pedagógicas reconheçam

suas ações e se identifiquem como tal, serão necessárias algumas mudanças da realidade objetiva da qual fazem parte, pois não basta ter o coordenador pedagógico na escola, é preciso que ele de fato se aproprie das suas atividades para ser, agir e pensar como tal e assim possa sair da reprodução da mesmice imposta para um processo de metamorfose e assim tenha a possibilidade de constituir-se formador de professores. Ciampa (2005) resume ao esclarecer que a possibilidade de transformação do sujeito acontece por meio da superação de contradições, assumir-se “outro”.

Os desafios a serem superados pelos coordenadores pedagógicos são muitos, desde sua legalidade para criação do cargo à valorização profissional, às condições de trabalho dentro da escola. Destacamos que a realidade objetiva afeta consideravelmente as ações das coordenadoras, que reproduzem ações mecanicamente, voltadas a papéis administrativos e sufocadas pela rotina, não conseguem se identificar como formadoras de professores, reproduzindo uma mesmice imposta, muitas vezes aceitando a situação por acharem que, por estarem em um cargo político, estão sendo beneficiadas e que não poderiam levantar a voz e reivindicar para que de fato se constituíssem como coordenadoras pedagógicas.

Ao narrarem suas experiências, Malala, Cecília, Maria Quitéria e Clarice pensaram a respeito de quem eram, de como estão e que possibilidades poderão vir a ser, quando superarem a condição imposta para desenvolverem suas capacidades máximas humanas, para constituírem-se formadoras de professoras, com formações críticas e emancipatórias, pois como aprendemos com Ciampa (2005), que, só o fato de nos perguntarmos quem somos já estamos nos construindo em outro, possibilitando assim o processo de metamorfose.

## REFERÊNCIAS

- Ciampa, Antônio da Costa. *A estória do Severino e a história de Severina*. 9ª reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- Codo, W.(Org.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, p. 136-151,1994.
- Josso, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo, SP: Cortez, 2009.
- Kosik, K. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- Marx, Karl & Engels, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.
- Nóvoa, A. *Formação de professores e profissão docente*. In: NÓVOA, A. (Coord.) Os professores e sua formação. Lisboa, Dom Quixote, 1995, p. 15-34.
- Passeggi, M. C; Oliveira, R. C; Cunha, L.M. *Constituição de fontes para a pesquisa qualitativa em educação: grupo reflexivo de mediação biográfica e quadro de escuta*. Investigação Qualitativa em Educação, v.1, p. 600, 2018.
- Teixeira, Cristiane De Sousa Moura. *O administrativo e o pedagógico no discurso de diretores e supervisores escolares: As duas faces de uma moeda complexa*. Especialização em Supervisão Escolar, Teresina, UFPI, 2004.
- Teixeira, Cristiane De Sousa Moura. *Processo de constituição da identidade profissional desvelando o movimento de transformação do supervisor escolar à coordenador pedagógico*. In: *Revista Psicologia da Educação*, São Paulo, 29, p. 161-189, 2º sem. de 2009.
- Teixeira, Cristiane De Sousa Moura. *Ser 'o faz tudo' na escola: Significações produzidas sobre o trabalho do coordenador pedagógico na escola pública*. Acadêmica Editorial, Parnaíba-PI, 2021.
- Teixeira, Cristiane de Sousa Moura e Carvalho, Maria Vilani Cosme de. *De Supervisor á coordenador pedagógico: o movimento de constituição da identidade profissional*. *Revista Linguagens, Educação e Sociedade* Psic.da Ed. Teresina, Ano 13, n. 19, jul/dez .2008.
- Teixeira, Cristiane De Sousa Moura. *Ser o "faz tudo" na escola: a dimensão subjetiva do trabalho do coordenador pedagógico*.2014. Série – Estudos – Periódico de Doutorado. 261 f. Universidade Federal do Piauí, Piauí, dezembro de 2014.
- Teixeira, Cristiane de Sousa Moura e Carvalho, Maria Vilani Cosme de. *Arqueologia dos significados sociais atribuídos ao trabalho do coordenador pedagógico: uma construção sócio-histórica*. *Revista Psicologia da Educação*, São Paulo, 41, p. 95-107 2º sem. 2015